

Edição Temática: Diversidade Étnica e Cultural na Medicina: Saberes, Práticas e Desafios Contemporâneos

PRECONCEITO ADOECE: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O IMPACTO DO RACISMO NA SAÚDE POR MEIO DE UM INFOGRÁFICO

*PREJUDICE MAKES YOU SICK: A CRITICAL LOOK AT THE
IMPACT OF RACISM ON HEALTH THROUGH AN
INFOGRAPHIC*



e-ISSN 2525-5851
Centro de Ciências
Médicas/UFPB

RESUMO

Objetivo: Relatar a experiência de elaboração de um infográfico intitulado “Preconceito adoece: um olhar crítico sobre o impacto do racismo na saúde no Brasil”, desenvolvido por estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal da Paraíba, no âmbito da disciplina Diversidade Étnica e Cultural na Medicina. **Descrição da experiência:** Trata-se de um relato de experiência de natureza descritivo-reflexiva, que apresenta o processo pedagógico de construção do material, incluindo a definição do recorte temático, a pesquisa bibliográfica, a seleção de dados epidemiológicos e a organização visual do conteúdo, fundamentada no conceito de interseccionalidade e em documentos oficiais de saúde. O infográfico abordou, de forma integrada, os impactos do racismo institucional nos campos da saúde materno-infantil, da saúde mental e das vulnerabilidades da população LGBTQIAPN+ negra. **Discussão:** A experiência evidenciou o potencial do infográfico como recurso pedagógico crítico, capaz de traduzir informações complexas em linguagem acessível, promover sensibilização ética e favorecer a problematização das desigualdades étnico-raciais no processo saúde-doença, deslocando abordagens biologizantes e individualizantes. **Considerações finais:** Conclui-se que a utilização de recursos visuais críticos na formação médica contribui para o desenvolvimento do pensamento reflexivo, do compromisso social e da prática profissional orientada pelos princípios da equidade e da integralidade, reafirmando a importância de estratégias pedagógicas antirracistas no ensino em saúde.

Palavras-Chave: Racismo estrutural; Equidade em saúde; Educação médica; Diversidade étnico-racial; Infográfico pedagógico.

Caroline Santana dos Santos
Dandara Maria Sousa Formiga Nobre
João Rafael do Nascimento Rodrigues
Nicolle Thainá de Melo Costa
Samile Graciely Ramos Leite

Estudantes de Graduação em
Medicina da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB)

**Contato para
correspondência:**
jrdnr@academico.ufpb.br

Submetido em: 06/08/2025

Aceito em: 10/09/2025

Publicado em: 27/12/2025

Como citar este artigo: Santos CS, Nobre DMSF, Rodrigues JRN, Costa NTM, Leite SGR. Preconceito adoece: um olhar crítico sobre o impacto do racismo na saúde por meio de um infográfico. Rev Med Pesq. 2025;6(3):2-8

ABSTRACT

Objective: To report the experience of developing an infographic entitled “*Prejudice Makes You Ill: A Critical Perspective on the Impact of Racism on Health through an infographic*”, created by medical students at the Federal University of Paraíba within the course *Ethnic and Cultural Diversity in Medicine*. **Description of the experience:** This is a descriptive and reflective experience report that presents the pedagogical process underlying the construction of the material, including the definition of the thematic focus, literature review, selection of epidemiological data, and visual organization of content, grounded in the concept of intersectionality and official health documents. The infographic addressed, in an integrated manner, the impacts of institutional racism on maternal and child health, mental health, and the vulnerabilities of the Black LGBTQIAPN+ population. **Discussion:** The experience highlighted the potential of the infographic as a critical pedagogical resource capable of translating complex information into accessible language, fostering ethical awareness, and promoting the problematization of ethnic-racial inequalities in the health–disease process, thereby challenging biologically reductionist and individual-centered approaches. **Final considerations:** We concluded that the use of critical visual resources in medical education contributes to the development of reflective thinking, social commitment, and professional practice guided by the principles of equity and integrality, reinforcing the importance of anti-racist pedagogical strategies in health education.

Key-words: Structural racism; Health equity; Medical education; Ethnic-racial diversity; Active learning methodologies.

1 INTRODUÇÃO

As desigualdades raciais em saúde no Brasil não podem ser compreendidas como eventos isolados ou resultantes exclusivamente de fatores biológicos. Elas expressam processos históricos, sociais e institucionais profundamente enraizados, que se manifestam na maior morbimortalidade materna, no acesso desigual aos serviços de saúde, na maior prevalência de sofrimento psíquico e na exposição ampliada à violência entre a população negra [1,2]. Nesse cenário, o racismo estrutural e institucional configura-se como um determinante social da saúde, atravessando práticas, políticas e relações no cotidiano do cuidado [3].

A formação médica, historicamente marcada por um modelo biomédico hegemônico, frequentemente silencia ou marginaliza a discussão sobre raça, racismo e desigualdades estruturais [4-6]. Tal lacuna compromete a capacidade crítica dos futuros profissionais para reconhecer e enfrentar práticas discriminatórias no interior dos serviços de saúde. Assim, estratégias pedagógicas que articulem conhecimento científico, sensibilidade ética e compromisso social tornam-se fundamentais para uma educação médica alinhada aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente o da equidade [7].

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência de elaboração de um infográfico crítico sobre o impacto do racismo na saúde da população negra no Brasil, destacando seu processo de construção, fundamentos teóricos e potencial como recurso pedagógico na formação médica.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva e reflexiva, desenvolvido a partir de uma atividade pedagógica realizada por estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2025, no âmbito da disciplina Diversidade Étnica e Cultural na Medicina.

A elaboração do infográfico seguiu etapas metodológicas previamente pactuadas em sala de aula com o grupo de estudantes da equipe. Inicialmente, realizou-se a definição do recorte temático e da mensagem central do material, orientada pelo princípio de que “equidade em saúde é um direito”. Em seguida, os estudantes realizaram pesquisa bibliográfica em bases científicas e documentos institucionais, incluindo artigos nacionais e internacionais, diretrizes do Ministério da Saúde — com destaque para a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra [3], dados epidemiológicos oficiais e relatórios de organismos internacionais.

O conteúdo foi organizado em blocos temáticos articulados por três eixos centrais: saúde materno-infantil, saúde mental e vulnerabilidades da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não binárias e outras identidades de gênero e orientações sexuais (LGBTQIAPN+) negra [1-3]. Esses eixos foram escolhidos por

evidenciarem, de forma concreta, a atuação do racismo institucional e das desigualdades interseccionais no processo saúde-doença. O conceito de interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw, foi adotado como referencial analítico transversal, permitindo compreender como raça, gênero, classe e sexualidade se articulam na produção de vulnerabilidades [2-5].

A etapa de construção visual foi realizada por meio da plataforma Canva, priorizando uma paleta de cores inspirada na ancestralidade africana, uso de ícones acessíveis, linguagem clara e fontes de alta legibilidade, de modo a garantir acessibilidade comunicacional. O material passou por revisão colaborativa entre os integrantes do grupo, com atenção à clareza das mensagens, coerência entre dados e narrativa visual, e adequação ética do conteúdo, resultando no infográfico que sintetizou as reflexões disparadas pela realização do trabalho (**Figura 1**).

Esse infográfico foi concebido como um recurso pedagógico visual com o objetivo de sintetizar, de forma crítica e acessível, evidências científicas sobre os efeitos do racismo estrutural e institucional nos processos de saúde e doença da população negra no país. Sua organização gráfica e narrativa busca articular dados epidemiológicos, conceitos teóricos e recomendações práticas, favorecendo a compreensão integrada das desigualdades raciais em saúde. Na parte superior, o título em destaque cumpre função de enunciação política e conceitual, ao afirmar que o preconceito não é apenas um fenômeno simbólico ou moral, mas um fator que produz adoecimento concreto. Essa escolha discursiva orienta a leitura do material, convidando o observador a compreender o racismo como determinante social da saúde. Logo abaixo, o bloco introdutório afirma que “o acesso à saúde não é igual para todos”, situando o processo saúde-doença como inseparável das relações sociais e das desigualdades de raça, renda e sexo. Esse trecho estabelece o marco interpretativo do infográfico, deslocando explicações individualizantes e naturalizantes das iniquidades em saúde.

O infográfico apresenta, em seguida, um gráfico sobre a distribuição do número de usuários que não possuem plano de saúde médico ou odontológico segundo raça/cor, evidenciando maior proporção entre pessoas negras. A visualização quantitativa reforça a argumentação de que o racismo estrutural também se expressa no acesso desigual aos recursos de saúde, mesmo em um sistema que se orienta pelo princípio da universalidade.

O eixo Saúde materno-infantil destaca a maior morbidade e mortalidade materna entre mulheres negras, associando esses desfechos ao racismo institucional presente no pré-natal, na peregrinação para o parto e na qualidade do cuidado recebido. A combinação entre dados numéricos, ilustração simbólica e referência explícita às fontes oficiais confere densidade científica ao material, ao mesmo tempo em que humaniza a informação. Esse eixo denominado saúde mental aborda a maior prevalência de suicídio entre jovens e adolescentes negros, utilizando uma representação gráfica simples e direta que comunica a magnitude do problema. Ao associar sofrimento psíquico, juventude e raça, o infográfico contribui para desnaturalizar leituras individualizantes do adoecimento mental e reforça a necessidade de políticas públicas sensíveis às desigualdades raciais.

No eixo Vulnerabilidade da população LGBTQIAPN+ negra, o infográfico explicita a lógica da interseccionalidade ao apresentar dados sobre a prevalência de HIV em mulheres trans e a predominância de pessoas não brancas nas pesquisas citadas. Essa seção evidencia como a sobreposição de marcadores sociais — raça, gênero e sexualidade — intensifica vulnerabilidades e amplia barreiras de acesso ao cuidado, rompendo com análises fragmentadas das desigualdades em saúde.

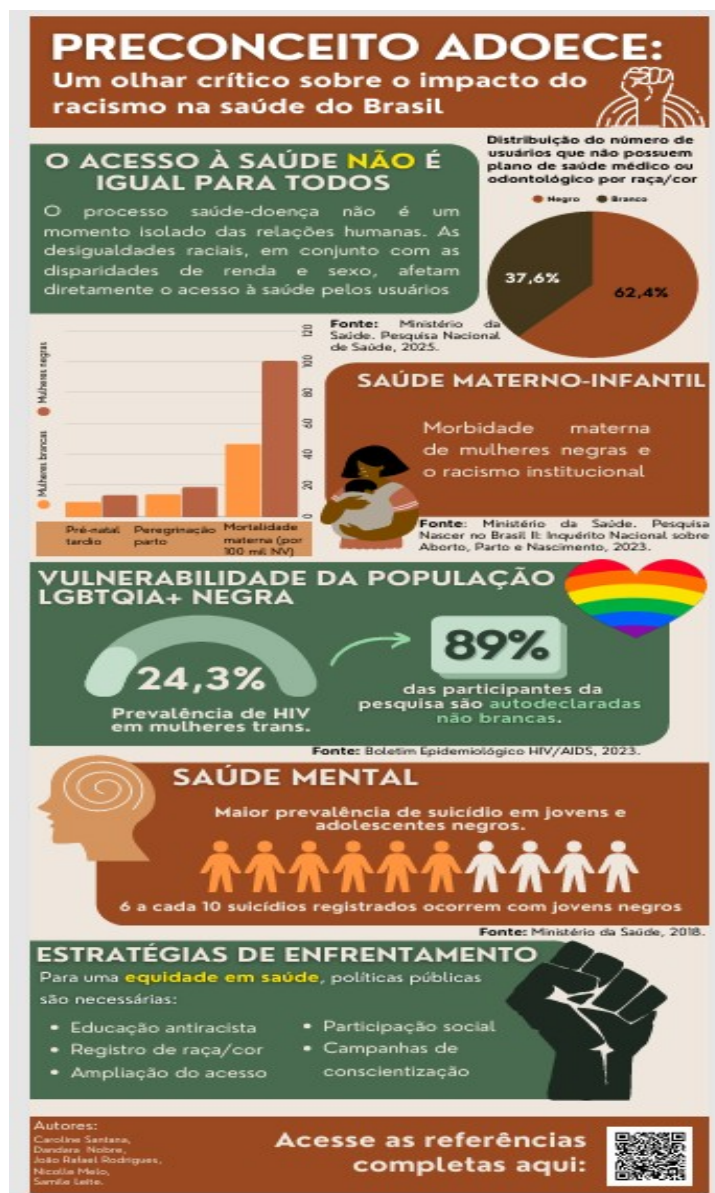
Na parte final, o infográfico apresenta o bloco Estratégias de enfrentamento, no qual são elencadas ações fundamentais para a promoção da equidade em saúde, como educação antirracista, registro adequado de raça/cor, ampliação do acesso, participação social e campanhas de conscientização. Esse fechamento cumpre uma função pedagógica central ao deslocar o leitor da constatação das desigualdades para a reflexão sobre responsabilidade coletiva, ação institucional e compromisso ético-político dos profissionais de saúde.

Do ponto de vista estético-comunicacional, o uso de uma paleta de cores associada à ancestralidade africana, ícones de fácil reconhecimento e linguagem clara contribui para a acessibilidade e o impacto visual do material. A presença de referências e um código de resposta rápida, QR Code, reforça o caráter científico e educativo do infográfico, estimulando a busca por aprofundamento teórico.

Dessa maneira, o infográfico se configura como um recurso pedagógico potente ao integrar informação científica, crítica social e comunicação visual, favorecendo a sensibilização de estudantes e profissionais de saúde para o enfrentamento do racismo estrutural e a promoção

da equidade no cuidado.

Figura 1. Infográfico “Preconceito adoece”: impactos do racismo estrutural na saúde da população negra no Brasil



Fonte: Os Autores (2025)

A experiência de elaboração desse infográfico revelou-se um exercício formativo potente ao articular conhecimento científico, análise crítica e produção criativa. Ao sintetizar dados epidemiológicos sobre mortalidade materna de mulheres negras, prevalência de sofrimento mental e vulnerabilidades específicas da população LGBTQIAPN+ negra, os estudantes foram levados a confrontar narrativas naturalizadas de neutralidade da prática médica [7-9].

O processo evidenciou que o racismo institucional se manifesta não apenas em atitudes individuais explícitas, mas também em práticas cotidianas, como o acesso tardio ao pré-natal, a peregrinação no parto, a subvalorização da dor e o menor acolhimento de demandas em saúde mental. Ao traduzir esses dados em linguagem visual, o grupo percebeu o potencial do infográfico como ferramenta de sensibilização e educação em saúde, capaz de dialogar com públicos diversos.

Outro aspecto relevante foi a incorporação do conceito de interseccionalidade, que permitiu aos estudantes compreenderem que as desigualdades em saúde não operam de forma isolada. Mulheres negras, pessoas negras LGBTQIAPN+ e jovens negros experienciam vulnerabilidades ampliadas, resultantes da sobreposição de marcadores sociais de diferença.

Essa compreensão deslocou leituras simplistas e reforçou a necessidade de uma abordagem integral e contextualizada do cuidado.

3 DISCUSSÃO

A experiência relatada evidencia que a elaboração do infográfico *“Preconceito adoce: um olhar crítico sobre o impacto do racismo na saúde no Brasil”* constitui não apenas um exercício de síntese informacional, mas um dispositivo pedagógico de problematização crítica do processo saúde-doença. Ao traduzir dados epidemiológicos e conceitos teóricos em linguagem visual acessível, o infográfico rompe com abordagens meramente conteudistas e favorece uma aprendizagem significativa, sensível às desigualdades sociais que atravessam a prática médica [9,10].

Do ponto de vista da educação médica, a atividade dialoga com perspectivas contemporâneas que defendem a incorporação dos determinantes sociais da saúde e da equidade como eixos estruturantes da formação profissional. O racismo estrutural, frequentemente naturalizado ou invisibilizado nos currículos tradicionais, emerge no infográfico como um fator concreto, mensurável e produtor de sofrimento, evidenciado por indicadores de maior mortalidade materna, maior prevalência de sofrimento mental e maior vulnerabilidade ao HIV entre populações negras e negras LGBTQIAPN+ [9]. Essa visualização contribui para deslocar interpretações individualizantes do adoecimento e reforça a compreensão do racismo como um fenômeno institucional e sistêmico [11].

A elaboração desse recurso audiovisual insere-se de forma consistente no campo das metodologias ativas de ensino-aprendizagem, ao deslocar o estudante de uma posição passiva de receptor de conteúdos para o papel de sujeito produtor de conhecimento crítico [12]. Ao exigir pesquisa, seleção de evidências, síntese conceitual e tradução visual de dados complexos, a atividade promove aprendizagem significativa, colaborativa e contextualizada. Nesse sentido, do ponto de vista pedagógico, o infográfico funciona como um dispositivo problematizador, alinhado à metodologia da problematização [13,14], na medida em que parte da observação da realidade concreta, que expressa em dados epidemiológicos e em desigualdades racialmente marcadas para suscitar reflexão crítica sobre os determinantes sociais do processo saúde-doença. Essa abordagem favorece a superação de leituras biologicistas e individualizantes, historicamente predominantes na formação médica, estimulando a análise das condições estruturais que produzem iniquidades em saúde.

A atividade realizada também se articula com princípios da aprendizagem baseada em projetos, uma vez que os estudantes são desafiados a construir coletivamente um produto educacional com finalidade social e comunicacional definida. O processo envolve tomada de decisões, negociação de sentidos, corresponsabilização entre os integrantes do grupo e compromisso ético com a fidedignidade científica das informações divulgadas. Esses elementos contribuem para o desenvolvimento de competências fundamentais à prática médica, como trabalho em equipe, pensamento crítico e responsabilidade social [15].

No âmbito da formação antirracista, o infográfico atua como ferramenta de conscientização e de desnaturalização do racismo institucional presente nas práticas de saúde. Ao explicitar que o preconceito adoce e ao evidenciar seus efeitos mensuráveis em desfechos como mortalidade materna, sofrimento mental e vulnerabilidades interseccionais, o material rompe com a falsa neutralidade da medicina e convoca os estudantes a reconhecerem o racismo como um determinante social da saúde que atravessa suas futuras práticas profissionais [16,17]. A incorporação desse relevante conceito de interseccionalidade amplia ainda mais o potencial formativo da atividade, ao permitir que os estudantes compreendam como raça, gênero, classe e sexualidade se articulam na produção de desigualdades. Essa perspectiva é central para uma formação antirracista crítica, pois impede abordagens fragmentadas ou hierarquizadas das opressões e favorece uma compreensão mais complexa e ética do cuidado em saúde.

Além disso, o infográfico pode ser utilizado como disparador de discussões críticas em rodas de conversa, seminários dialogados ou análise de casos, estimulando a reflexão sobre situações concretas da prática clínica em que o racismo se manifesta de forma explícita ou velada. Nessas atividades, o material favorece a construção coletiva de sentidos e a problematização de atitudes, discursos e rotinas institucionais, contribuindo para o desenvolvimento de uma postura profissional sensível às desigualdades e comprometida com a equidade.

A escolha dos três eixos temáticos (saúde materno-infantil, saúde mental e

vulnerabilidades da população LGBTQIAPN+ negra) revelou-se particularmente potente ao explicitar a lógica interseccional das iniquidades em saúde. A articulação entre raça, gênero, sexualidade e classe social permitiu aos estudantes compreenderem que as desigualdades não operam de forma aditiva, mas se entrecruzam, produzindo vulnerabilidades específicas e agravadas. Tal abordagem amplia o olhar clínico e formativo, evitando generalizações e favorecendo práticas de cuidado mais contextualizadas, éticas e responsivas às singularidades dos sujeitos [16].

Outro aspecto relevante diz respeito ao uso do infográfico como tecnologia pedagógica leve, no sentido proposto pela literatura da saúde coletiva, ao privilegiar comunicação, vínculo e produção de sentidos. Diferentemente de materiais puramente informativos, o infográfico produzido convoca à reflexão crítica ao afirmar, de forma explícita, que “o preconceito adocece”, rompendo com a falsa neutralidade do discurso biomédico. Nesse sentido, o recurso visual atua como mediador do debate em sala de aula, favorecendo rodas de conversa, análise crítica de casos e discussões ético-políticas sobre o papel do médico no enfrentamento do racismo institucional [18].

Adicionalmente, a experiência reforça o potencial dos projetos pedagógicos que integram produção criativa, pesquisa bibliográfica e reflexão social. O processo colaborativo de construção do material estimulou o protagonismo discente, o trabalho em equipe e a corresponsabilização pelo aprendizado, alinhando-se às metodologias ativas e às diretrizes curriculares nacionais que preconizam uma formação humanista, crítica e comprometida com o SUS. Assim, o infográfico ultrapassa a função avaliativa e se consolida como um recurso educativo com potencial de uso em diferentes contextos formativos e extensionistas [19-20].

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do infográfico “*Preconceito adocece: um olhar crítico sobre o impacto do racismo na saúde no Brasil*” demonstrou-se uma estratégia pedagógica potente para a abordagem das desigualdades étnico-raciais na formação médica. A experiência possibilitou aos estudantes compreenderem o racismo estrutural como um determinante central do processo saúde-doença, deslocando leituras biologizantes e individualizantes do adoecimento para uma perspectiva crítica, histórica e socialmente situada.

O relato evidencia que recursos visuais críticos, quando fundamentados teoricamente e articulados a dados epidemiológicos confiáveis, contribuem para a sensibilização ética, o desenvolvimento do pensamento crítico e o fortalecimento do compromisso social dos futuros profissionais de saúde. Ao sintetizar informações complexas em uma linguagem acessível, o infográfico amplia o alcance do debate e favorece sua utilização tanto em contextos acadêmicos quanto em ações educativas e extensionistas.

Do ponto de vista institucional, a experiência reforça a importância de inserir, de forma estruturada e contínua, estratégias de educação antirracista nos currículos da graduação em Medicina. A abordagem da diversidade étnico-racial não deve ser periférica ou pontual, mas integrada aos conteúdos clínicos, às práticas de cuidado e à reflexão ética sobre o exercício profissional. Nesse sentido, o infográfico constitui um exemplo concreto de como materiais pedagógicos podem contribuir para a transversalização do tema da equidade em saúde.

Conclui-se, portanto, que a experiência relatada está alinhada aos princípios do Sistema Único de Saúde, especialmente os da equidade, integralidade e participação social. O material produzido reafirma que enfrentar o racismo na saúde é uma responsabilidade coletiva e um compromisso ético-político da formação médica. Espera-se que este relato incentive a adoção de práticas pedagógicas semelhantes, capazes de formar profissionais mais sensíveis, críticos e comprometidos com a construção de uma medicina socialmente justa e culturalmente competente. A experiência realizada na disciplina de Diversidade Étnica e Cultural na Medicina, da grade curricular do curso do Centro de Ciências Médicas, evidencia que metodologias ativas associadas à produção de recursos educativos críticos constituem estratégias potentes para a formação antirracista na graduação em Medicina. Ao integrar ciência, ética e compromisso social, o infográfico contribui para a construção de uma prática médica mais reflexiva, humanizada e alinhada aos princípios do Sistema Único de Saúde, especialmente o da equidade.

REFERÊNCIAS

1. Barbosa AC, Oliveira SS, Oliveira RG. Vulnerabilidades mediando o encontro do cuidado em saúde: por uma agência interseccional. *Cien Saude Colet.* 2024;29(7):e04352024. doi:10.1590/1413-81232024297.04352024.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2023. Brasília: Ministério da Saúde; 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/boletins-epidemiologicos>. Acesso em: 21 set. 2025.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS. 3ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2017. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/politica-nacional-de-saude-integral-da-populacao-negra/>.
4. Crenshaw K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Rev.* 1991;43(6):1241-1299. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>.
5. Ferreira BO, Mendonça MS, Pelúcio L. Mental health and intersectionality: vulnerabilities among LGBTQIA+ populations in Brazil. *Cad Saude Publica.* 2023;39(6):e00236421. doi:10.1590/0102-311XPT236421.
6. Grinsztejn B, et al. HIV prevalence among transgender women in two Brazilian cities: results from respondent-driven sampling surveys using a structured diagnostic test. *BMC Public Health.* 2019;19(1):1019. doi:10.1186/s12889-019-7315-2.
7. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atlas da Violência 2023. Brasília: IPEA; 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>
8. Lopes F, et al. Iniquidades raciais em saúde no Brasil: avanços e desafios. *Cien Saude Colet.* 2022;27(6):2069-2082. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MKqpWqnWsW6Lz7xDkRPhNqF/>
9. Marques Junior JS. LGBT+ negras: conhecimento e políticas em revista. *Synthesis (Rio J).* 2019;9(1):17-27. doi:10.12957/synthesis.2016.42201. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/42201>. Acesso em: 21 set. 2025.
10. Brasil. Ministério da Saúde. Morte de mães negras é duas vezes maior que de brancas, aponta pesquisa. Brasília: Ministério da Saúde; 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/morte-de-maes-negras-e-duas-vezes-maior-que-de-brancas-aponta-pesquisa>. Acesso em: 21 set. 2025.
11. Miskolci R, et al. Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil: uma análise do cenário por triangulação de métodos. *Cien Saude Colet.* 2022;27(10):3799-3812. doi:10.1590/1413-812320222710.06602022. Acesso em: 21 set. 2025.
12. Paula MO. A interseccionalidade enquanto ferramenta analítica aplicada à interpretação da saúde: enfoque sobre as desigualdades em saúde à luz da diversidade e identidade. *Saude Soc.* 2024;33(4):e230828pt. doi:10.1590/S0104-12902024230828pt.
13. Ceccim RB, Feuerwerker LCM. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis.* 2004;14(1):41-65. Disponível em: <https://www.cepesc.org.br/wp-content/uploads/2013/08/miolo-livro-ricardo.pdf>
14. Freire P. *Pedagogia do oprimido.* 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
15. Berbel NAN. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? *Interface (Botucatu).* 1998;2(2):139-154. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/BBqnRMcdxXyvNSY3YfztH9J/?format=pdf&lang=pt>
16. Ayres JRCM. Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde. Rio de Janeiro: CEPESC/IMS-UERJ; 2004. Disponível em: <https://www.cepesc.org.br/wp-content/uploads/2013/08/miolo-livro-ricardo.pdf>
17. Werneck J. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saude Soc.* 2016;25(3):535-549. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>
18. Crenshaw K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Rev.* 1991;43(6):1241-1299. Disponível em: <https://blogs.law.columbia.edu/critique1313/files/2020/02/1229039.pdf>
19. Rocon PC, Wandekoken KD, Barros MEB, Duarte MJO, Sodré F. Acesso à saúde pela

Edição Temática: Diversidade Étnica e Cultural na Medicina: Saberes, Práticas e Desafios Contemporâneos

- população trans no Brasil: nas entrelinhas da revisão integrativa. *Trab Educ Saude*. 2022;18(1):e00234. doi:10.1590/1981-7746-sol00234. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/725>. Acesso em: 21 set. 2025.
20. World Health Organization. Closing the gap in a generation: health equity through action on the social determinants of health. Geneva: WHO; 2008. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241563703>
21. Brasil. Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Saúde: número de pessoas que possuem algum plano de saúde médico ou odontológico. Brasília; 2023. Disponível em: <https://cedra.org.br/conjuntos-de-dados/numero-de-pessoas-que-possuem-de-algum-plano-de-saude-medico-ou-odontologico/> Acesso em: 20 set. 2023.



Esta obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).